

## FIGURAÇÕES DO LUTO NA LINGUAGEM: EVOCAÇÃO E ALTERIDADE EM *UMA MULHER* (1987), DE ANNIE ERNAUX

## FIGURATIONS OF MOURNING IN LANGUAGE: EVOCATION AND ALTERITY IN *A WOMAN'S STORY* (1987), BY ANNIE ERNAUX

Maria Eduarda Freitas Moraes<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre,  
RS, Brasil

Eduardo Moll<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre,  
RS, Brasil

Cláudio Delanoy<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre,  
RS, Brasil

**Resumo:** A representação, tanto nos estudos linguísticos quanto psicanalíticos, dialectiza ausência e presença, relacionando-se com a natureza evocativa do enunciado concreto no dialogismo. Neste artigo, objetivamos analisar a elaboração do luto na/pela linguagem em uma narrativa auto-sociobiográfica de Annie Ernaux, discutindo as relações entre significade, mundo concreto e evocação alteritária na interface entre Saussure, Lacan e o Círculo de Bakhtin. Correlacionando a materialidade da linguagem e a dinâmica significante, pontuamos figurações do luto em *Uma mulher* (1987), obra escrita após a morte da mãe da autora, esboçando condições para a elaboração parcial da morte na auto-sociobiografia.

**Palavras-chaves:** Auto-sociobiografia; luto; dialogismo; alteridade; Annie Ernaux.

**Abstract:** Representation, both in linguistic and psychoanalytic studies, dialectizes absence and presence, relating to the evocative nature of the concrete utterance in dialogism. In this article, we aim to analyze the elaboration of mourning in/through language in an auto-sociobiographic narrative from Annie Ernaux, discussing the relationships between signification, the concrete world, and alterity evocation at the interface between Saussure, Lacan, and the Bakhtin Circle. By correlating the materiality of language, based on dialogism, and the signifying dynamic, according to Lacan, we highlight configurations of mourning in *A Woman's Story* (1987), a work written after the death of the author's mother, outlining conditions for the partial elaboration of death in auto-sociobiography.

**Key-words:** Auto-sociobiography; mourning; dialogism; alterity; Annie Ernaux.

<sup>1</sup> Psicóloga e psicanalista. Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa CNPq. Membro do Grupos de Pesquisa Discursos em Diálogo (PUCRS/CNPq).

<sup>2</sup> Doutorando em Letras - Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGL-PUCRS) com fomento de bolsa CNPq. Mestre em Letras - Linguística pelo mesmo programa. Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

<sup>3</sup> Doutor em Letras - Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012). Professor adjunto na Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Líder do grupo de pesquisa Discursos em Diálogo (certificado pelo CNPq).

## Considerações iniciais

Nos ensinos de Ferdinand de Saussure (1916/2012) e Jacques Lacan (1956-1957/1995), a representação do mundo e da ideia na/pela linguagem – a signicidade – revela relações complexas entre o mundo concreto e o signo linguístico. Como lembram Ponzio, Calefato e Petrilli (2007, p. 102), o processo semiótico implica a interpretação dos “fatos brutos” ou das “coisas de carne e osso” pelo signo, que, de forma geral, representa a realidade para outro signo. Há, entretanto, problemáticas relativas à teorização desse processo, decorrentes do desafio em pensar a experiência da fala. Segundo Normand (2015), Saussure, propondo que a referência de um signo são as relações associativas solidárias a outros signos do mesmo sistema, por um lado soluciona a problemática entre o sujeito e sua exterioridade concreta, embora a própria textualização do *Curso de Linguística Geral* (CLG-1916) traga passagens que reinstauram tal problema. Por exemplo, ao argumento relativo às onomatopeias, negando a motivação da representação do som motivada pelo mundo, foi exigida a reafirmação da arbitrariedade, pressuposto teórico, pela comparação entre línguas, enfraquecendo a orientação metodológica da análise sincrônica. Em Lacan (1970/2003), as indecisões do CLG quanto à intromissão do mundo concreto dialogam com uma concepção de língua não-toda, que sofre os efeitos do contato com o inominável, aproximando-se do Real em forma de impossível de ser dito “à medida que o discurso reduz o dito a cavar um furo no seu cálculo” (Lacan, 1970/2003, p. 446).

Polemizando com outras correntes teóricas ao propor suas teses, o Círculo de Bakhtin<sup>4</sup>, organiza o referencial bibliográfico entre os polos filosóficos do subjetivismo e do objetivismo. Em Volóchinov (1929/2018), o estruturalismo saussuriano é valorado como objetivismo abstrato, criticado por recortar o sistema abstrato da língua e elegê-lo objeto do estudo científico sincrônico. Na análise da realidade da fala, Saussure (1916/2012) depreende que um signo indexa, arbitrariamente, um significante a um significado; o dialogismo não nega tais achados, mas os designa como relações lógicas, postulando a carência do estudo das relações dialógicas em uma metalinguística (Bakhtin, 1963/2018).

Ao reelaborar a signicidade saussuriana, Bakhtin (1934-1935/2015) afirma que o objeto do discurso é contemplado pela dupla orientação da palavra, voltada tanto às valorações sociais que circundam um dado objeto do dizer, quanto ao interlocutor, cujo horizonte valorativo é refrangido no enunciado autoral. Disso desponta uma noção de referenciação como evocação de

<sup>4</sup> O Círculo foi um grupo constituído por intelectuais de diferentes áreas do que se voltaram para o estudo da linguagem e da arte entre 1919 e 1929 na Rússia. Nos estudos da linguagem, destacaram-se Mikhail Bakhtin (1895-1975), Pável Medvídev (1891-1938) e Valentin Volóchinov (1895-1936). Grillo e Américo (2019, p. 33) salientam que eles tiveram uma colaboração estreita “na segunda metade dos anos 1920, da qual todos os três se beneficiaram em obras publicadas posteriormente” (Grillo; Américo, 2019, p. 33).

relações alteritárias na linguagem (Bubnova, 2016) pois, embora no cotidiano não percebamos a história avaliativa de um objeto do discurso na cultura, o artista revela “aquele mescla babilônica de línguas que passa em torno de qualquer objeto” (Bakhtin, 1934-1935/2015, p. 51).

A evocação também está presente, com suas particularidades, no viés de Lacan, para quem “a função da linguagem não é informar, mas evocar” (Lacan, 1953/1998, p. 301) pois, “quando chamo aquele com quem falo pelo nome, seja este qual for, que lhe dou, intimo a função subjetiva que ele retomará para me responder, mesmo que seja para repudiá-la” (Lacan, 1953/1998, p. 301). Nessa via, a vida do significante evoca a morte, à medida que convoca o que está ausente e a resposta do Outro<sup>5</sup> valida a função-sujeito que o interpela.

Entre a presença e a ausência do mundo concreto no signo (Saussure, 1916/2012), a produção do discurso sobre o fundo da morte (Lacan, 1956-1957/1995) e a evocação do heterodiscursivo no/pelo enunciado (Bakhtin, 1934-1935/2015), a significade pode apresentar um funcionamento próximo ao trabalho do luto melancólico em Freud (1915-1917/2010). Segundo o autor, a perda de uma pessoa, um ideal ou qualquer objeto leva o sujeito a se indagar *o que* do Eu se perdeu com o objeto, ocasionando a identificação do Eu com a perda, nele recaindo a sombra do objeto. Este recebe investidas pulsionais adversas, até que todo o processo possa ser elaborado e representado. Verificamos uma dinâmica instada entre presença e ausência tanto na significade do luto, pela representação do objeto que veio a faltar, quanto na evocação alteritária do objeto-para-mim, pelo remanejo das pulsões narcísicas, até que uma nova representação da perda reconfigure a estrutura do Eu. Nesse cenário, torna-se relevante estudar a representação e a elaboração do luto na/pela língua(gem), promovendo interfaces entre Saussure, Lacan e o Círculo de Bakhtin, motivo pelo qual escolhemos analisar obras da escritora francesa Annie Ernaux<sup>6</sup>.

Justificamos nossa escolha tanto pela constante tematização das perdas – seja o luto de pessoas significativas, ou a traumática mudança do *habitus* (Bourdieu, 2004; 2011) ligada à mobilidade social promovida pela escrita –, quanto pelo estilo singular auto-sociobiográfico que a autora apresenta ao rememorar, refletir sobre e analisar características individuais e sociais relacionadas àquilo que, da experiência, pode caber na escrita. Ernaux (2023) salienta a diferença entre escrever a sua própria vida, em registro autobiográfico, e uma narrativa que se aproxime do real vivido, sendo este a representação do fato ocorrido, sem com isso tamponar as lacunas da memória ou a impossibilidade de tudo escrever. Ao desenvolver a auto-

5 Cabe diferenciar *Outro* de *outro*; enquanto *Outro* se refere ao tesouro de significantes e de referências da cultura que constituem o inconsciente a partir da entrada do sujeito no campo da linguagem, o *outro* indica um semelhante à própria imagem do Eu (Lacan, 1956-1957/1995).

6 Annie Ernaux nasceu em 1940, em Lillebonne, na França, e viveu sua infância e adolescência em Yvetot. Estudou na Universidade de Rouen e foi professora por mais de trinta anos. Filha de operários que, posteriormente, se tornaram pequenos comerciantes e tinham pouco acesso ao estudo, a autora discute sua possibilidade de mudança de classe social, bem como as inequidades entre classes dominantes e dominadas.

---

sociobiografia, a autora busca responder às críticas de Bourdieu (2011) à ilusão autobiográfica, ou seja, à autobiografia como narrativa linear em que “uma vida é insuperavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história e uma narrativa dessa história” (Bourdieu, 2011, p. 74), concepção que ignoraria “os mecanismos sociais que privilegiam ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade” (*ibid.* p. 76-77).

Nas obras de Ernaux, a autora visa sair de um eu fictício para um eu verídico e dispor sua escrita entre a literatura, a sociologia e a história (Charpentier, 2006; Ernaux, 2019). Tal posicionamento implica um engajamento pessoal da autora com seu texto. Nessa via, Ernaux (2019) recusa uma classificação de suas obras como romance, autobiografia ou autoficção, pois comprehende que a sua enunciação como *eu* é transpessoal, ou seja, transcende a perspectiva de um indivíduo isolado, fragmentado do contexto social. Para a autora, trata-se de trazer à luz signos do ambiente familiar junto a questões sociais (Ernaux, 2019). Partimos dessa compreensão sobre a obra de Ernaux para desenvolver o objetivo deste artigo: analisar a elaboração do luto na/pela linguagem na obra *Uma mulher* (1987), de Ernaux, discutindo as relações entre significade, mundo concreto e evocação alteritária na interface entre Saussure, Lacan e o Círculo de Bakhtin. Consideramos, nesse âmbito, que a elaboração ético-estética do luto é um trabalho de sentido que endereça a falta do outro à linguagem, também entendida como uma representação de uma instância de alteridade, em que se manifesta uma evocação, um apelo ao outro.

Para atingirmos nosso objetivo, escolhemos uma obra de Ernaux que tematiza, explicitamente, o luto: *Uma mulher* (1987/2024), a obra é dedicada a narrar a vida de sua mãe após a morte dela. Organizamos o artigo em dois momentos, além das considerações iniciais e finais. Primeiramente, trazemos apontamentos sobre a significade em Saussure em diálogo com a dinâmica significante em Lacan para pontuarmos a reacentuação dessas proposições pelo Círculo de Bakhtin, discutindo como o signo linguístico e seu referente se reatualizam em nível ontológico, particularizando a materialidade do signo ideológico e a qualidade da linguagem enquanto terceiridade (Bubnova, 2016). Essa seção apresenta, também, a particularização da discussão no caso das autobiografias, a partir de Bakhtin (1920-1925/2023). No segundo momento, partiremos das reflexões para analisar a obra de Ernaux mencionada, debatendo a especificidade dos contornos da morte na/pela linguagem.

## 1 Signicidade e mundo concreto entre Saussure, Lacan e o Círculo de Bakhtin

A relação entre signicidade e referência suscita “o problema da relação entre a *presença* do ser ou do objeto a que o nome se refere e a sua *evocação* na palavra” (Ponzio; Calefato; Petrilli, 2007, p. 188). Em outras palavras, a palavra faz referência a um objeto de tal modo que o transfigura, tornando-o materialidade linguística ao ser nomeado. Com isso, o objeto estabelece relações não-unívocas entre o mundo empírico e o universo da linguagem, visto que foi alterado. Nesse âmbito, podemos caracterizar a tensão entre presença e ausência na signicidade estudando o *quê* se ausenta no ato de designação do objeto. Algumas respostas advêm tanto da natureza arbitrária da indexação do significante pelo significado, segundo Saussure (1916/2012), quanto da atuação do significante sob o fundo da morte em Lacan (1956-1957/1995), chegando à evocação alteritária como funcionamento enunciativo em Bakhtin (1934-1935/2015).

Robert Martin (2003, p. 114) discute algumas problemáticas ao desenvolvimento da linguística moderna a partir de Saussure, dentre elas, a ilusão denominativa. Ao invés de defender que a língua espelha a realidade, a “hipótese da língua como estruturação do real” não só constata a heterogeneidade do mundo concreto, mas legitima as distintas interpretações a ela prestadas pelas línguas. Martin (2003) menciona Saussure (1916/2012) na definição de língua como “um todo por si e um princípio de classificação” (p. 41), sem se relacionar com o mundo concreto senão por convenção contratual.

O mestre genebrino defende que as línguas são sistemas de signos que indexam uma representação de som, ou significante, a um conceito, o significado; consequentemente, “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (Saussure, 1916/2012, p. 109). No âmbito linguístico, nada justificaria a união de uma imagem acústica a um conceito, e esses dois constituintes do signo, sendo de natureza puramente psíquico-representacional, não dependeriam do mundo.

Para sumarizar a signicidade em Saussure, recorremos a Nöth e Santaella (2017), que explicam o funcionamento do signo não em substituição ao mundo concreto, mas via representação. Saussure defende que o “objeto do signo não é um objeto real, fora do signo, mas, por assim dizer, algo de dentro, do signo na forma exclusiva de um conceito” (Nöth, Santaella, 2017, p. 97). Por isso, a língua é uma alteridade constitutiva incontornável, da qual não pode sair: “se se quiser demonstrar que a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta, e não uma regra livremente consentida, a língua é a que oferece a prova mais contundente disso” (Saussure, 1916/2012, p. 111).

Luciano Ponzio (2019, p. 38), por sua vez, apresenta, a partir das artes visuais, a condição

de *resa* da representação, palavra italiana que conceitua “um impoder da pintura de reproduzir, de representar fielmente a realidade sobre a tela”. A representação se rende ao mundo concreto na tentativa mesma de transpô-lo ao nível da transuação, do reenvio de um signo a outro. Em perspectiva análoga, Benveniste (1963/2020) apresenta propostas à relação entre as línguas e o mundo concreto pela via da interpretância. Para Benveniste (1963/2020), a linguagem “recria a realidade” (p. 36), “substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua ‘evocação’” (p. 39).

Com este percurso, tecemos considerações sobre a signicidade e o mundo concreto. O signo linguístico é, ao mesmo tempo, uma *presença ausentificadora*, ao distanciar-se da realidade pelo corte semiológico instaurador da realidade linguística, e uma *ausência presentificadora*, ao representar o mundo concreto (Saussure, 1916/2012). Para Lacan (1956-1957/1995), embora o signo principie a existência humana, ele não a recobre totalmente, pois tanto o Real quanto a morte são espaços de evanescimento e impotência do sujeito que desafiam a representação. Na sequência, o viés da evocação alteritária permitirá caracterizar a signicidade para o Círculo de Bakhtin.

Segundo Zavala (2022), “o fundamental é que os três – Freud, Bakhtin e Lacan – estavam interessados na relação entre o significado e o significante” (p. 164). A diferença da perspectiva do Círculo se dá pela inclusão de um ângulo dialógico que cria o objeto da metalinguística, cujas pesquisas se ligam a “aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – a linguística” (Bakhtin, 1963/2018, p. 207). A partir desse ângulo, o sistema é apenas uma parte da língua que constitui o enunciado; as relações lógicas da língua “[d]evem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas” (Bakhtin, 1963/2018, p. 209).

Para Volóchinov (1929/2018), o signo é um produto de um meio ideológico e, além de circular na realidade concreta, ele a reflete e a refrata. Entendendo ideologia como pontos de vistas compartilhados por coletividades, o signo ideológico “não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (Volóchinov, 1929/2018, p. 93). Nessa perspectiva, não só as ênfases valorativas incidem nos signos, como os signos reinterpretam tais ênfases. A reinterpretação, por sua vez, inclui uma avaliação, que faz do signo um enunciado concreto estilizado pelo autor. Com isso, a língua evoca o sentido que particulariza significações às estruturas uma vez que há uma compreensão responsável, princípio a partir do qual, “[e]m cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas”, reaccentuando-as a

partir de nosso centro axiológico singular, em diálogo com o de nossa coletividade (Volóchinov, 1929/2018, p. 232).

A valoração<sup>7</sup> da palavra sempre se dá em relação a multiplicidade de vozes que tematizaram anteriormente o objeto de seu discurso, haja vista que “[e]m todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele” (Bakhtin, 1934-1935/2015, p. 51). Se, para Saussure (1916/2012), a língua é em si mesma uma realidade, um princípio que classifica o mundo a seus próprios termos, o dialogismo bakhtiniano entende que o mundo concreto já é uma alteridade discursivizada; em ambos os casos, a presença do signo marca a impossibilidade de experienciar a coisa bruta (Ponzio; Calefato; Petrilli, 2007).

Na autobiografia, o funcionamento da linguagem promove deslocamentos entre o autor-pessoa, o autor-criador e narrador que impedem que a escrita transcreva a mesmificação. Na definição de Bakhtin (1920-1925/2023), “[e]ntendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e a minha vida” (p. 219-220), cuja transgrediente implica uma “extralocalização exterior, espacial e temporal” (p. 221) entre o narrador e a personagem e promove a vivência “da própria existência-alteridade humana em mim” (p. 229). Ao contar a própria história, o sujeito enfrenta a alteridade de sua coletividade, dos narradores possíveis *outros*, fazendo com que a própria vida seja “percebida e construída como uma possível narração que sobre ela o outro faz para os outros” (Bakhtin, 1920-1925/2023, p. 222) – ou seja, para esse terceiro, que interpreta os sentidos de uma vida.

Com efeito, na autobiografia, não estamos na posição do fiel que confessa, mas, “como criadores [...] estamos fora de nós mesmos, e esse estar fora, essa extralocalidade ou exotopia, gera um processo de elaboração muito amplo” (Zavala, 2022, p. 159). Na senda de Ponzio (2020, p. 285), entendemos que a significade bakhtiniana, ao evocar a alteridade, tensiona a presença material da memória e a ausência relativa de sentido que podem acometer a integralidade de um relato, visto que o recordar “re-vela [...] quanta ausência, feita passar por presença, existe nas construções da memória, quantos buracos na sua continuidade e quantos enganos e distorções na sua coerência” (Ponzio, 2020, p. 285). Por isso, para Bakhtin (1975/2017, p. 60), a memória não pode “mudar o aspecto efetivamente *material* do passado”, mas pode reacentuar o sentido, tornando-se lugar de elaboração, de “eterna transfiguração do passado”. Nesse contexto, propomos que a evocação da vida dos outros na narrativa autoral, hibridizando a voz do autobiógrafo com o heterodiscorso rememorado (Bakhtin, 1920-1925/2023; 1934-

<sup>7</sup> Termo compreendido como proposto por Mikhail Bakhtin em *Para uma filosofia do ato* (1920-1924) quando apresenta a arquitetônica do ser-evento e a dinâmica de valorações que incidem sobre o ser em relação à alteridade (eu-para-mim, eu-para-o-outro e outro-para-mim).

1935/2015), pode dialogar com a realoção do objeto perdido no trabalho do luto, segundo Freud (1914/2010; 1920-2010), para quem a perda pode ser elaborada.

Freud (1915-1917/2010, p. 174) afirma que, no luto, os destinos libidinais ligados aos traços inconscientes projetados no objeto ausente – o outro, uma ideia, um sentimento, etc. – provoca inibições e restrições do Eu em relação aos demais objetos, podendo despertar “um afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatória”. Isso pode trazer ao trabalho do luto traços melancólicos, à medida que o enlutado “sabe *quem*, mas não *o que* perdeu nesse alguém”, resultando num empobrecimento não do mundo, mas do próprio Eu, que, identificado com a perda, ausenta-se (Freud, 1915-1917/2010, p. 175). Nisso, um decurso natural do tratamento é a estimulação da fala no enlutado, que retira seu interesse libidinal do mundo (Freud, 1915-1917/2010).

O luto nos mostra que a queixa sobre o objeto perdido promove uma evocação do outro, em seu caráter mais concreto, realizado por meio da linguagem, que comenta a ausência desde o plano representacional. Pelo viés bakhtiniano, a linguagem, grande terceiridade alteritária (Bubnova, 2016), engendra uma significade complexa, que, sem negar a impossibilidade de acesso à matéria bruta do mundo (Ponzio, Calefato, Petrilli, 2007), ancora-se na ausência do dado bruto para evocar a presença da concretude heterodiscursiva. Retomando Volóchinov (1929/2018), a significação prevê a representação, ou seja, a morte do objeto transposto em signo, algo típico do processo semiológico; a morte, nessa via, é comentada pela natureza alteritária da linguagem, que incontornavelmente presentifica a voz do outro.

Para concluir, a perspectiva dialógica adentra o diálogo entre Saussure e Lacan, reapropriando-se da significade enquanto falta da experiência com o mundo concreto em estado bruto para valorizar a complexidade existencial inscrita na evocação de tramas heterodiscursivas sem as quais o mundo concreto não pode ser compreendido. Nisso, contemplam-se figuras como o outro, a morte e a inconsistência do sentido ao longo do tempo. Fala-se, então, em luto da palavra última sobre o sentido único, em circuitos de remanejo da impossível palavra derradeira, com todas as falhas, inconsistências e incoerências que esse processo possa promover. Sobre estes, Annie Ernaux nos ensina em suas auto-sociobiografias; analisaremos um exemplo na seção que segue.

## 2 Entre o vazio e a inscrição: luto e linguagem em *Uma mulher* (1987)

Ernaux, filha de trabalhadores que mais tarde se tornaram pequenos comerciantes, revisita, na obra *Uma mulher* (1987), a trajetória de vida de sua mãe. O projeto de escrita auto-sociobiográfica é reconhecido pela autora a partir de *O lugar* (1983/2021), texto no qual ela

busca realizar uma etnografia familiar, tendo como ponto de partida o episódio da morte de seu pai. Embora a autora reconheça que, em seus primeiros romances, o personagem transcende sua própria figura, possibilitando questionamentos sobre os limites da identificação entre a autora e sua persona, é a partir do desejo de escrever sobre a vida do pai e suas relações com a sociedade que a auto-sociobiografia ganha forma e se consolida (Ernaux, 2019). Nessa via, as obras da autora passam a abordar mais explicitamente a mudança de classe social, bem como as inequidades entre classes dominantes e classes dominadas.

Em *Uma mulher* (1987/2024), a autora relata a relação ambivalente com a mãe, que a constitui enquanto sujeito do discurso. Observa-se a linguagem coloquial e popular da mãe como modo de conhecer e interpretar o mundo. A relação da autora com essa linguagem se modifica conforme ela ascende socialmente, e sua inserção em uma classe dominante, por meio do estudo, reitera um desejo transmitido pela mãe. A narrativa da obra inicia com o relato da morte da mãe:

MINHA MÃE MORREU na segunda-feira 7 de abril na casa de repouso do hospital de Pontoise, para onde eu a havia levado dois anos antes. A enfermeira disse ao telefone: “Sua mãe se foi hoje cedo depois do café da manhã”. Eram mais ou menos dez horas (Ernaux, 1987/2024, p. 7).

A partir do enunciado “*MINHA MÃE MORREU*” se desmembra a rememoração da vida da mulher, que é a mãe, recordando o período de adoecimento devido ao Alzheimer<sup>8</sup>, bem como aspectos da sua vida, como, por exemplo, a relação ambivalente com a própria autora. O vazio que sucede a percepção da morte busca representação por meio da escrita:

Estava dirigindo e, de repente: “ela nunca mais estará em lugar nenhum do mundo”. Não conseguia mais entender o modo como as pessoas se comportavam, a atenção minuciosa no açougue, quando escolhiam determinado corte de carne, era para mim um horror.

Pouco a pouco esse estado vai desaparecendo. Ainda sinto uma satisfação ao perceber que o tempo continua frio e chuvoso, como no início do mês, quando minha mãe estava viva. E instantes de vazio a cada vez em que eu constato “não vale mais a pena” ou “não preciso mais” (fazer isso ou aquilo por ela). Alguns pensamentos deixam um buraco em mim: pela primeira vez, ela não vai ver a primavera. (Sentir a partir de agora a força das frases comuns e até mesmo dos clichês.) (Ernaux, 1987/2024, p. 12-13).

A banalidade da vida cotidiana contrasta com a experiência concreta de ausência da mãe, os “pensamentos que deixam buraco” indicam a demanda por uma parcial simbolização, um contorno que torne possível retornar a investir na vida cotidiana. Nessa via, encontramos o papel da evocação da palavra como apelo ao outro, bem como a atuação do significante enquanto

---

<sup>8</sup> O adoecimento da mãe e suas implicações na vida da autora são relatadas de modo aprofundado em outra obra (Ernaux, 1997/2022).

---

presença do que está ausente (Calefato; Petrilli, 2007). O vazio que busca ser preenchido com palavras permite tanto manter uma memória conservada em um registro da linguagem quanto esquecer, proteger-se de um excesso que invade o sujeito quando não simboliza uma perda. Acerca da dificuldade de transpor a concretude dessa experiência real à elaboração discursiva do processo de escrita, a narradora diz:

É uma empreitada difícil. Para mim, minha mãe não tem história. Ela sempre esteve aqui. Ao falar dela, meu primeiro movimento é fixá-la em imagens que não trazem uma dimensão temporal: “ela era agressiva”, “era uma mulher muito intensa”, e evocar de modo desordenado cenas em que ela aparecia. Assim, só encontro a mulher do meu imaginário, a mesma que, há alguns dias, em meus sonhos, vejo outra vez viva, sem idade definida, num ambiente de tensão que lembra filmes angustiantes. Gostaria também de capturar a mulher que existiu fora de mim, a mulher real, nascida num bairro rural de um vilarejo na Normandia e falecida na unidade geriátrica de um hospital no subúrbio de Paris. O que eu espero escrever de mais exato se situa sem dúvida, na articulação entre o familiar e o social, o mito e a história. Meu projeto é de natureza literária, pois trata de buscar uma verdade sobre a minha mãe que só pode ser alcançada por meio das palavras. (Ou seja, nem nas fotos, nem minhas lembranças, nem os testemunhos da família podem me dar esta verdade.) Mas quero permanecer, de certa forma, abaixo da literatura (Ernaux, 1987/2024, p. 13-14).

A tensão entre ficção e realidade é presente na história elaborada por Ernaux. Uma vez que a autora busca falar da própria mãe, é impossível separar a história dessa mulher da perspectiva da filha que a relata. Nesse sentido, convergimos para Ponzio (2019) quando questiona a possibilidade de a linguagem reproduzir a realidade, indicando que a representação, ao evocar, traz uma nova figuração do objeto ausente. Benveniste (1963/2020), por sua vez, indica que a linguagem “recria a realidade” (p. 36), tornando os acontecimentos passados em evocações da experiência dirigidas ao outro. Apesar de partir de ontologias distintas, os autores indicam que evocar e representar não é reproduzir o real, mas produzir um modo de ligar-se ao outro e comunicar uma experiência (Benveniste, 1963/2020; Ponzio, 2019). Nesse âmbito, Lacan (1956-1957/1995) assinala o registro do Real como impossível de ser totalmente simbolizado e nomeado e, portanto, transmitido ao outro por meio da linguagem. A morte, nessa via, seria o “inominável por excelência” (Lacan, 1954-1955/2010, p. 286). Com isso, Lacan também reconhece a impossibilidade de a linguagem recobrir a realidade. Todavia, Ernaux enuncia também querer buscar, “capturar a mulher que existiu fora de mim”, fora do seu modo de olhar para a própria mãe, e trazer à biografia da mãe a narrativa da mulher real, operária, junto às mudanças sociais que acompanham a sua história. A partir dessa tensão – entre ficção e realidade –, Ernaux desenvolve sua literatura em diálogo com a história e a sociologia (Charpentier, 2006) e busca um *eu transpessoal* (Ernaux, 2019). A escrita, nas palavras da autora:

[...] não se trata de contar a história da minha vida, nem de me livrar dos segredos dela, e sim de decifrar uma situação vivida, um acontecimento, uma relação amorosa, e desvelar assim algo que apenas a escrita pode fazer existir e acontecer, talvez, em outras consciências, em outras memórias (Ernaux, 2023, p. 18).

Desse modo, Ernaux sinaliza a função de compartilhamento das experiências que a narrativa escrita torna possível. Especificamente, na obra *Uma mulher* (1987/2024), a autora assinala:

Isto não é uma biografia, nem um romance, evidentemente, talvez alguma coisa entre a literatura, a sociologia e a história. Foi preciso que minha mãe – nascida num mundo dominado do qual ela desejava sair – se tornasse história para que eu me sentisse menos solitária e falsa no mundo dominador cheio de palavras e ideias no qual, seguindo o desejo dela, eu entrei (Ernaux, 1987/2024, p. 61).

Neste trecho, destaca-se que a autora não está preocupada em realizar uma biografia da mãe relatando todos os acontecimentos do passado. Antes, a autora se refere a uma preocupação sociológica em visibilizar a cisão entre classe dominante e classe dominada e o lugar que ela mesma, autora, ocupa como “trânsfuga de classe” (Ernaux, 2023, p. 76); ou seja, inicialmente membro de uma classe dominada, filha de pequenos comerciantes, que ascende socialmente à classe dominante como professora, culminando em um relato auto-sociobiográfico. A partir da sua trajetória, a autora marca uma especificidade ao transitar por diferentes meios e modos de estar em relação com a linguagem, por ter transitado em classes sociais distintas (Meizoz, 1996). A relação com a mãe e com a linguagem, nesse trânsito entre dominantes e dominados, está presente na obra. No início da mudança de classe, a autora percebe a si mesma identificada com a mãe:

Sentia vergonha do seu jeito brusco de falar e se comportar, e com ainda mais intensidade porque me dava conta do quanto eu me parecia com ela. Eu a censurava por ser aquilo que eu, enquanto passava para um meio diferente, busca não ser mais (Ernaux, 1987/2024, p. 37).

Essa identificação causa incômodo à autora que busca se adaptar a um novo modo de se apresentar socialmente. Após uma maior consolidação dessa mudança, a autora percebe o quanto frequentar a sua casa também causa desconforto à mãe, gerando um processo de estranhamento semelhante ao que ocorreu com ela enquanto ascendia socialmente e voltava a ver a mãe:

Diante desse mundo, minha mãe ficou dividida entre a admiração que sentia pela boa educação, elegância, cultura e o orgulho em ver a filha pertencer a ele, e por outro lado o medo de que, sob uma capa de requintada civilidade, ela pudesse ser desprezada (Ernaux, 1987/2024, p. 41).

No trecho, a divisão sofrida pela mãe – que desejou a ascensão social da filha, ao mesmo tempo em que se sente inadequada nesse meio social – pode estabelecer uma relação dialógica com os enunciados que foram anteriormente apresentados pela autora, como no seguinte trecho:

Seu desejo mais profundo era me dar tudo o que não tivera. Mas isso representava para ela tamanho esforço de trabalho, tanto apuro com dinheiro e uma preocupação com a felicidade dos filhos tão nova em relação à educação de outros tempos que ela não conseguia deixar de dizer: “você custa caro pra gente” ou “mesmo tendo tudo, você não está feliz!” (Ernaux, 1987/2024, p. 30).

O investimento realizado pela mãe na filha é revertido na sua ascensão social como professora e escritora e, nessa via, a escrita dos enunciados da mãe, enunciados no passado, como é o caso do enunciado: “você custa caro pra gente”, que permite (re)acentuar e elaborar as palavras alheias (Bakhtin, 1934-1935/2016), trazendo o enunciado à luz de um novo contexto. Nesse âmbito, a presença das palavras da mãe marca a escrita de Ernaux, indicando a heterodiscursividade constitutiva da sua obra. Há uma dupla orientação da palavra enunciada: uma orientação dirigida ao objeto da sua fala e outra dirigida ao outro, a quem se dirige o discurso; no caso da obra, o público. Todavia, a palavra enunciada nunca prescinde das palavras anteriores, as palavras-alheias (Bakhtin, 1934-1935/2015; 1975/2017). A palavra da mãe de Ernaux, retirada do contexto de enunciação da sua infância, adquire uma função de testemunho da constituição da mãe da autora e da própria autora à medida que é (re)valorada<sup>9</sup> na escrita da obra, trazendo uma multiplicidade de vozes sociais: da consciência da mãe, constituída de modo intrínseco ao contexto socio-histórico da infância de Ernaux, em contato com a consciência da autora que, por meio da obra, se comunica com as consciências dos leitores, estabelecendo novas relações dialógicas (Bakhtin, 1934-1935/2016). O heterodiscocurso, desse modo, assume a presença da alteridade inerente a todo discurso, alteridades que precedem os dizeres, bem como antecipam e desejam se comunicar com os outros, contemporâneos e futuros interlocutores, assumindo diferentes tons emotivo-volitivos sobre o objeto do enunciado concreto.

Ainda na perspectiva bakhtiniana, a própria consciência, como discurso interior, é sempre um produto ideológico, e a palavra, constituinte dessa consciência, é signo ideológico por excelência (Volóchinov, 1929/2018). Nessa via, apesar de ser um enunciado concreto, o signo tanto reflete quanto refrata diferentes sentidos conforme as esferas, os gêneros e os estilos de uso. Na obra, Ernaux, a partir de suas palavras responsivas, particulariza significações aos enunciados empregados, tendo em vista seu interesse em relatar parte da história da mãe em diálogo com o mundo social que ela habitou; tal particularização refere-se a uma escolha

<sup>9</sup> Ver nota de rodapé 7.

assumidamente ideológica e não-ingênua que a autora marca desde o início da obra:

Em 1931, compraram [a mãe e o pai] a crédito uma pequena loja que vendia bebida e comida em Lillebonne, cidade operária de 7 mil habitantes, a vinte e cinco quilômetros de Yvetot. O café-mercearia ficava na Vallée, região de fábricas têxteis de fiação que datavam do século 19 e que marcavam o tempo e a existência das pessoas do nascimento à morte. Ainda hoje, dizer “Vallée do pré-guerra” significa falar da maior concentração de alcoólatras e de mães solteiras, da umidade brotando das paredes e dos bebês morrendo de diarreia em duas horas. Minha mãe tinha vinte e cinco anos. Foi nesse momento que precisou se tornar ela mesma, com a visão que tinha, os gostos e o modo de ser, características que eu acreditei por um bom tempo terem sido sempre suas (Ernaux, 1987/2024, p. 23).

A autora, no trecho, visa trazer elementos da concretude da vida da mãe ao resgatar sua história e, com isso, compreendê-la, bem como os elementos que a autora reconhece que acreditou por um bom tempo terem sido sempre seus, quando desconhecia a constituição ideológica que compôs a consciência e o estilo da mãe. A compreensão da mãe, nessa via, institui de certo modo a presença da mãe enquanto alteridade a quem o discurso também se dirige, além do público. A escrita, por si só, pode ser lida como pedido de endereçamento ao outro que estabelece uma relação alteritária. Todavia, além do público, a autora apresenta o passado da mãe de modo a compreendê-la e, de certa forma, ressignificar a sua relação com ela por meio de contornos simbólicos, ainda que a sua ausência concreta – o vazio – seja impossível de ser totalmente nomeada:

Tento não considerar a violência, os transbordamentos afetivos, as censuras de minha mãe apenas como traços pessoais de caráter, mas situá-los também em sua história e sua condição social. Essa forma de escrever que me parece ir na direção da verdade me ajuda a sair da solidão e da confusão produzidas pela lembrança individual, pois descubro um significado mais amplo. Mesmo assim sinto que alguma coisa em mim resiste e gostaria de conservar, de minha mãe, imagens puramente afetivas, calor ou lágrimas, sem lhes dar um sentido. (Ernaux, 1987/2024, p. 30).

A autora realiza um movimento de (re)valoração<sup>10</sup> do próprio passado ao buscar ressignificar os “transbordamentos afetivos, as censuras” (Ernaux, 1987/2024, p. 30) da mãe em um contexto concreto que formou sua consciência. Tal revaloração produz um testemunho compartilhável ao semantizar a língua. Entretanto, a autora finaliza o trecho apontando para um resto não compartilhável ao enunciar que gostaria de conservar traços sem lhes atribuir sentidos, o que indica a experiência única e singular do lugar de filha. Podemos sugerir, nesse ponto, um encontro com o Real, visto que não é possível simbolizá-lo; nas palavras da autora, essa simbolização sequer é desejada, querendo reter essa experiência real de estar com a mãe e de não a esquecer por meio da linguagem, considerando que nomear é também concretizar

10 Ver nota de rodapé 7.

e demarcar a ausência do objeto concreto. Desse modo, conservar esse “vazio” sem palavras é sinalizar a impossibilidade de esquecer uma instância de alteridade tão importante para sua constituição, bem como reconhecer que há um resto não simbolizável da experiência concreta de perda. A autora ainda sinaliza a dificuldade de articular por meio de palavras a vida da mãe saudável com a vida da mãe adoecida, que perde a sua consciência:

A história dela para aqui, quando ela deixou de ter um lugar no mundo. Ela perdeu a consciência. Essa doença se chama Alzheimer, nome dado pelos médicos a uma forma de demência senil. Há alguns dias venho tendo mais dificuldade para escrever, talvez porque não queira chegar a esse momento. No entanto, sei que não posso viver sem juntar, por meio da escrita, a mulher demente que ela se tornou àquela outra mulher que ela foi, forte e luminosa (Ernaux, 1987/2024, p. 51).

O ponto de resistência à escrita indica a dificuldade que requer simbolizar, ainda que parcialmente, o adoecimento e a morte. Tal fragmentação também se faz presente ao narrar a (des)articulação entre o tempo antes e depois da morte a mãe:

Uma semana depois, eu repassava esse domingo em que ela estava viva, as meias marrons, os sino-dourados, os gestos e o sorriso de quando me despedi dela, depois a segunda-feira em que ela estava morta, deitada na cama. Não conseguia juntar esses dois dias.

Agora tudo está ligado. (Ernaux, 1987/2024, p. 59).

Nesse trecho próximo ao final da narrativa, percebemos o vazio deixado pela ausência da mãe como sinal de angústia em contraste com os traços que foram deixados pelos dias em que a mãe vivia: gestos, sorrisos, imagens que restam em ausência, em busca de significação. Tal sinal de angústia pode ser ligado – e, com isso, adquirir novos sentidos – por meio da escrita da obra. A criação da autora, como movimento exotópico, gerou um processo de elaboração (Bakhtin, 1920-1925/2023; Zavala, 2022). Como indica Ponzio (2020), a ausência tornou-se presença enunciável como construção de memória, ainda que composta também por lacunas. A obra é finalizada reconhecendo a ausência da mãe, mas, simultaneamente, indicando que sua presença foi necessária para a constituição da própria autora, do seu discurso e da sua consciência:

Não vou mais ouvir sua voz. É ela, mas também suas palavras, suas mãos, seus gestos, a maneira como ria e andava, que unem a mulher que eu sou à criança que um dia eu fui. Perdi o último vínculo com o mundo do qual eu vim (Ernaux, 1987/2024, p. 61).

O trecho trata de um ponto de cisão entre a vida anterior e posterior à mudança de

classe: o luto de um modo de estar no mundo que é enunciado pela autora e o modo de estar no mundo do qual ela veio. A significação da autora no mundo concreto em que ela habita fica em questão, pois o elo concreto com o mundo de origem se desfaz. A representação e a ligação ao mundo familiar advêm por meio das palavras-alheias, que são (re)valoradas<sup>11</sup> na obra ao serem endereçadas a novos interlocutores; palavras que encontram novas instâncias de alteridade e estabelecem novas relações dialógicas. Desse modo, identificamos que a escrita auto-sciobiográfica de Ernaux produz condições para elaboração parcial não apenas da morte, mas de lutos e perdas que envolveram sua modificação de classe social; em outras palavras, a perda de referências que a situavam no mundo discursivamente.

Ao observar trechos da obra, reforçamos a indicação de Lacan (1970/2003) de que a língua não detém a possibilidade de enunciar a totalidade do mundo concreto e, nessa via, destacamos sobretudo as situações em que ocorrem mudanças drásticas, potencialmente traumáticas, que impelem ao sujeito um novo modo de situar-se frente aos acontecimentos. A evocação, como função da linguagem, traz à luz o morto, objeto perdido no luto sobre o qual o discurso se produz. Nesse contexto, vemos a linguagem em sua potência uma vez que sua função é nomear, tornando presente o objeto ausente. Todavia, a representação não será uma reprodução, mas uma nova figuração do objeto. Mas, como pode a experiência concreta e real da perda de um outro significativo pode caber em uma escrita que não se pretende individualista, mas singular e socialmente situada? Acompanhamos, em *Uma mulher* (1987), a implicação da autora/narradora com os detalhes que envolvem o funeral e o sepultamento, e os dias que seguem e o vazio deixado pela mãe com a sua morte. Observamos que os contornos da ausência do objeto representado adquirem uma singularidade ao tematizarem a morte, pois se trata de enunciar um objeto que, uma vez ausente, não tornará mais a se apresentar concretamente.

Com Ernaux, não sucumbimos ao vazio e ao desamparo na leitura de *Uma mulher* (1987); seu projeto discursivo envolve o endereçamento de recontar a vida e a morte de sua mãe ao outro – nós, leitores – e, com isso, inscreve e escreve de modo duradouro a presença de sua mãe no mundo exterior, em livro. Em nossa leitura, reencontramos achados linguísticos – como já mencionamos, a presença do signo não substitui e não reproduz a realidade –, ao mesmo tempo, identificamos que a escrita de Ernaux torna a vida de sua mãe um acontecimento novo para aqueles que não a conheceram, ou seja, (re)valora<sup>12</sup> o lugar social da mãe no mundo fazendo com que o luto não seja meramente uma separação definitiva e concreta de um outro significativo, mas uma possibilidade de construção narrativa sobre identidade, memória e herança. Nessa construção, a narrativa da perda da mãe encontra um lugar além da produção

11 Ver nota de rodapé 7.

12 Ver nota de rodapé 7.

---

de uma simbolização do luto, mas de evocação do Real e dos seus efeitos materiais na vida concreta da autora/narradora.

## Considerações finais

A representação, tanto nos estudos linguísticos quanto psicanalíticos, coloca em questão a dialética entre a ausência e a presença da alteridade, relacionando-se com a natureza evocativa do enunciado concreto no dialogismo. A morte, embora impossível de ser plenamente simbolizada, é capaz de produzir novos enunciados e significados na cadeia discursiva, quando a palavra torna capaz de representar. Partindo de interrogações sobre os (des)encontros entre signo e mundo concreto, propomos uma reflexão sobre a dinâmica de evocação da alteridade na interface entre Saussure, Lacan e o Círculo de Bakhtin. Com Saussure, discutimos a arbitrariedade do signo linguístico; com Lacan, elucidamos a impossibilidade de acessar o mundo sem ser por meio da linguagem; e, com o Círculo de Bakhtin, evidenciamos a presença da alteridade em todo enunciado.

Considerando a discussão teórica, indagamos as possibilidades e os limites da evocação à alteridade, por meio do discurso, no trabalho de luto. No artigo, objetivamos analisar a elaboração do luto na/pela linguagem na narrativa auto-sociobiográfica de Annie Ernaux. Correlacionando a materialidade da linguagem, a partir do dialogismo, e a dinâmica significante, conforme Lacan, pontuamos figurações do luto em *Uma mulher* (1987), obra escrita após a morte da mãe da autora, esboçando condições para a elaboração parcial da morte na auto-sociobiografia. Indicamos, nesse âmbito, que a elaboração ético-estética do luto é um trabalho de sentido que endereça a falta do outro à linguagem, entendida como também uma representação de uma instância de alteridade na qual se manifesta uma evocação, um apelo ao outro.

Ao discutir e analisar a obra, visualizamos que a evocação, ainda que não correspondendo à totalidade da possibilidade de enunciação e nomeação do objeto perdido, é o que permite significar a perda. Conservar um vazio, nesse sentido, é reconhecer que há algo impossível de ser plenamente simbolizado na ausência concreta do outro. Simbolizar, todavia, é um caminho possível para descarga pulsional, para defender-se da pura angústia do desamparo.

Na obra de Ernaux, visualizamos ainda a preocupação em narrar o contexto concreto de vida da mãe, considerando seu projeto enunciativo de evidenciar desigualdades entre classes dominantes e dominadas. Nessa via, a referencialidade ao mundo concreto é um compromisso assumido pela autora. Entretanto, todo enunciado implica uma valoração: à medida que são descritas situações vivenciadas pela autora e sua mãe, bem como enunciados

que foram pronunciados pela mãe e marcaram a constituição subjetiva-social da autora, eles são necessariamente (re)valorados<sup>13</sup> e ressignificados, refletindo e refratando sentidos na escrita de Ernaux.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas** (1975). Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **O autor e a personagem na atividade estética** (1920-1925). Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas (1959-1961). In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 71-107.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski** (1963). Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: A estilística** (1934-1935). Trad. Paulo Bezerra. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BENVENISTE, Émile. Natureza do signo linguístico (1963). In: BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral – Volume 1**. Tradução de Maria da Glória Navak e Maria Luisa Neri. 6. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2020. p. 61-67
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denize Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. 11<sup>a</sup> ed. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- BUBNOVA, Tatiana. **Do corpo à palavra:** leituras bakhtinianas. Tradução: Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.
- CHARPENTIER,I.“Quelquepartentre la littérature, la sociologie et l’histoire...”, **COnTEXTES: revue de sociologie de la littérature**, 1, 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/contextes/74>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. Tradução de Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2023.
- ERNAUX, Annie. **Je ne suis pas sortie de ma nuit** (1997). França: Gallimard, 2022.
- ERNAUX, Annie. **O lugar** (1983). Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.
- ERNAUX, Annie. **Uma mulher** (1987). Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2024.

---

13 Ver nota de rodapé 7.

---

ERNAUX, Annie. **Vers un je transpersonnel**, 2019. Disponível em: <https://www.annie-ernaux.org/fr/textes/vers-un-je-transpersonnel/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. **Obras completas, volume 14 (1917-1920)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1915-1917). In: FREUD, S. **Obras completas, volume 12 (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 171-194.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, S. **Obras completas, volume 10 (1911-1913)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 193-209.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova América. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 7-56.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. Radiofonia (1970). In: LACAN, J. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 403-447.

LACAN, Jacques. **Seminário 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Marie Christine Lanzik Penot e Antonio Luiz Quinet de Andrade. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **Seminário 4: a relação de objeto (1956-1957)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MARTIN, Robert. **Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2003.

MEIZOZ, Jérôme. Annie Ernaux, une politique de la forme: “C'est plutôt la leur de langue que j'ai perdue”. **Versants: revue suisse des littératures romanes**, v. 30, p. 45-62, 1996.

NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2015.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação**. São Paulo: Paulus, 2017.

PONZIO, Augusto; CALEFATO, Patrizia; PETRILLI, Susan. **Fundamentos de filosofia da linguagem**. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.

PONZIO, Augusto. **Livre Mente:** processos cognitivos e educação para a linguagem. Trad. Marcus Vinicius Borges Oliveira e Marisol Barenco de Mello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

PONZIO, Luciano. **Ícone e afiguração:** Bakhtin, Malevitch, Chagall. Tradução: Guido Alberto Bonomini, Cecília Maculan Adum e Vanessa Della Peruta. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral** (1916). Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Iziodoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

ZAVALA, Iris. O que estava presente desde a origem. Tradução de Fernando Legón e Diana Araújo Pereira. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin:** dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2022. p. 151-166.